

EAE 5992 – Teorias do Desenvolvimento Econômico 2o. semestre de 2017

Parte II:

Os Pioneiros do Desenvolvimento Econômico

Professor Fernando Rugitsky

Tópico 4: Centro e periferia (Prebisch e
Singer)

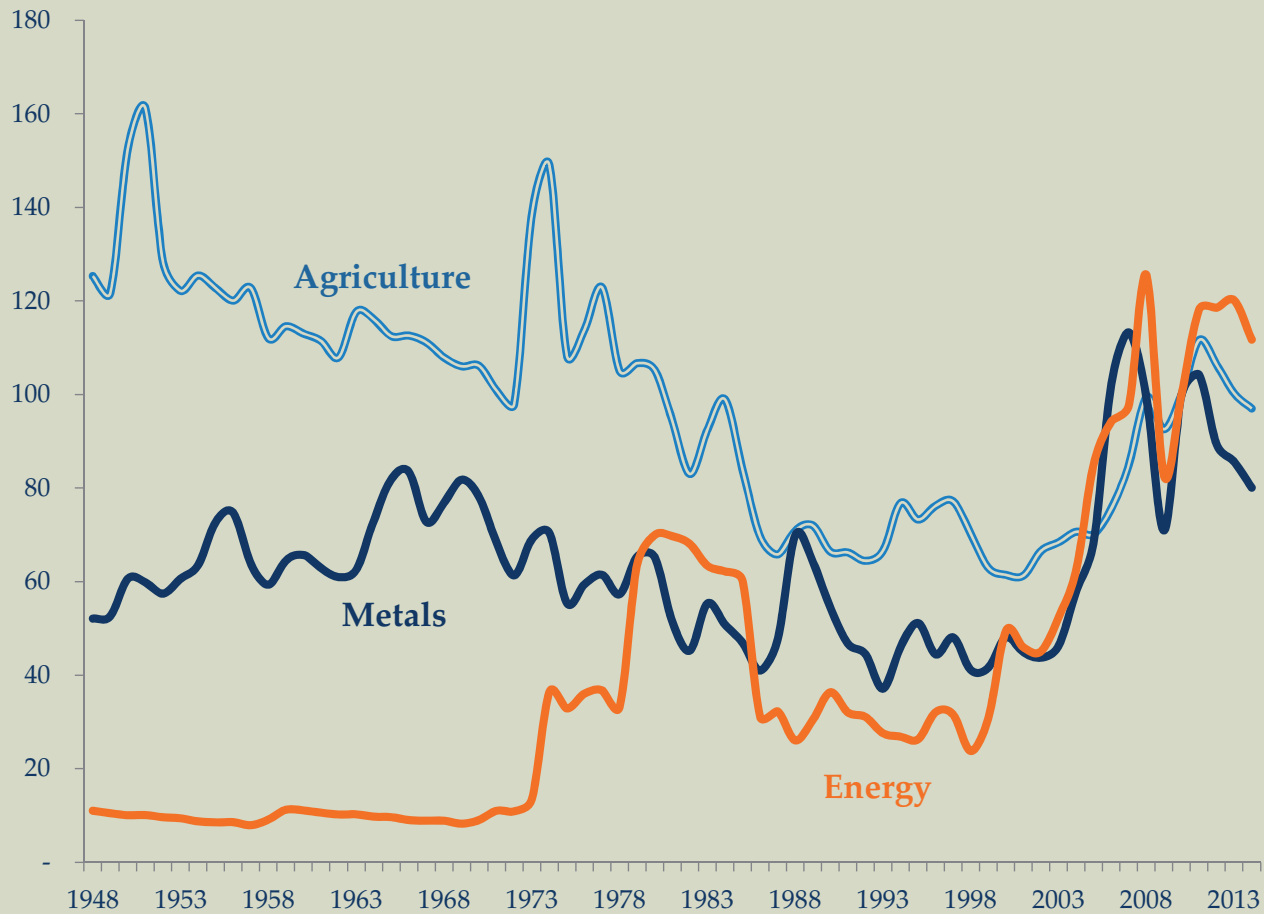
[1 aula]

FEA/USP

MOTIVAÇÃO

- Boom das commodities e termos de troca (Erten/Ocampo, 2013; Baffes/Etienne, 2016)
- Divisão internacional do trabalho no século XXI (Fisher, 2015)
 - Agricultura *versus* indústria?
 - Termos de troca entre produtos ou entre países?
 - Elasticidade-renda da demanda ou estrutura de mercado?
- Persistência da vulnerabilidade externa?
- Especificidade histórica das formulações e sua atualidade
 - Rosenstein-Rodan e Nurkse *versus* Prebisch, Singer e Furtado
 - E Lewis?

MOTIVAÇÃO



Source: World Bank

Fig. 1. Ratio of primary to manufacturing commodity price indices (2010 = 100)

(Baffes/
Etienne,
2016: 691)

MOTIVAÇÃO

Real Non-oil Commodity Price Components, Total Index, 1865-2010
(Log Scaling)

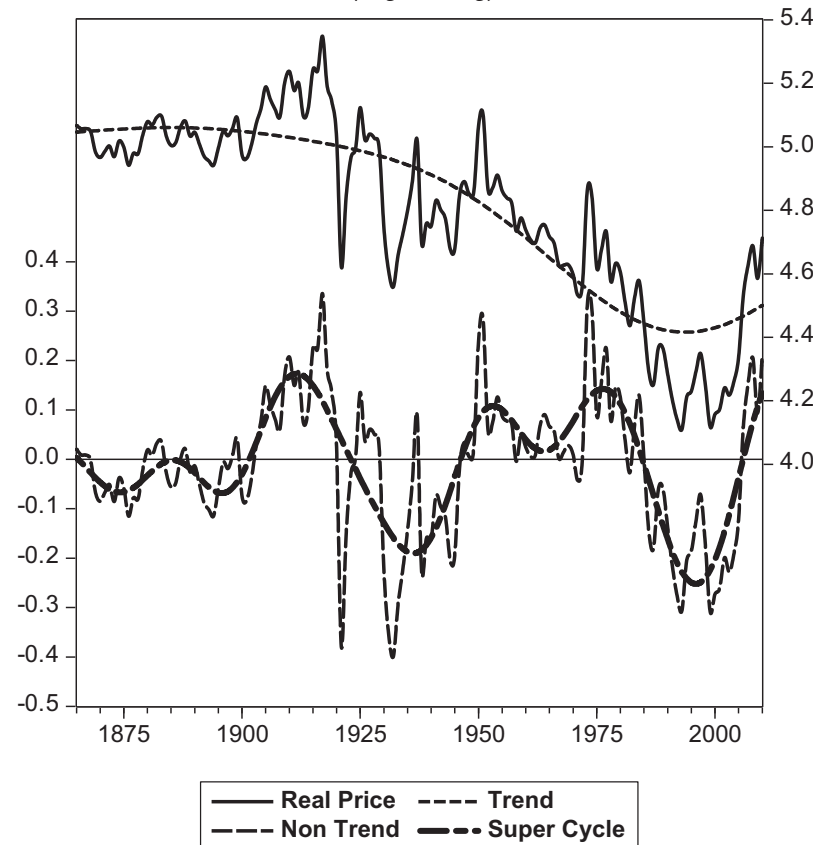
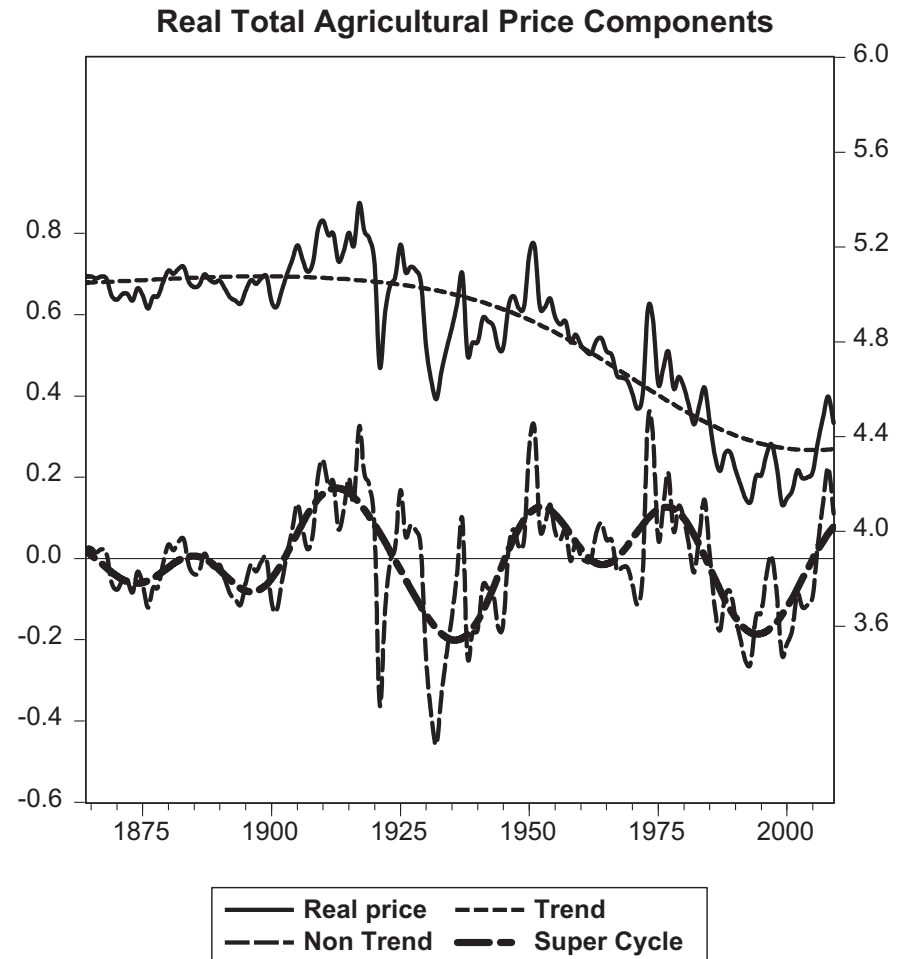
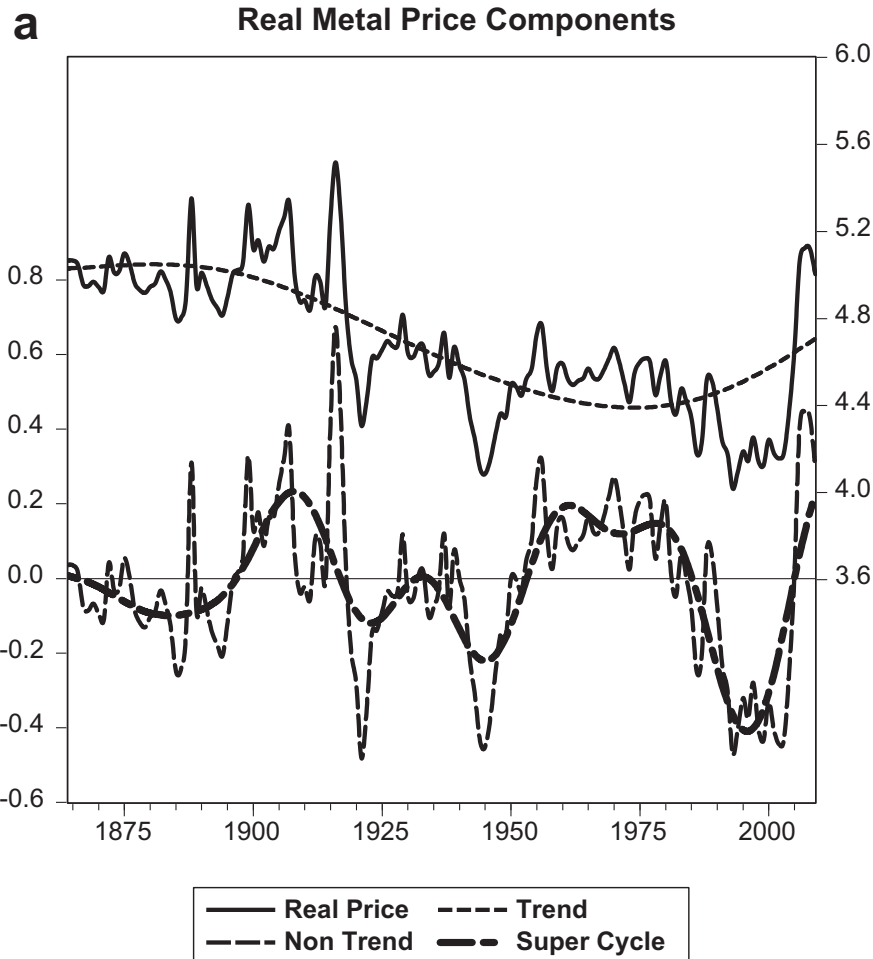


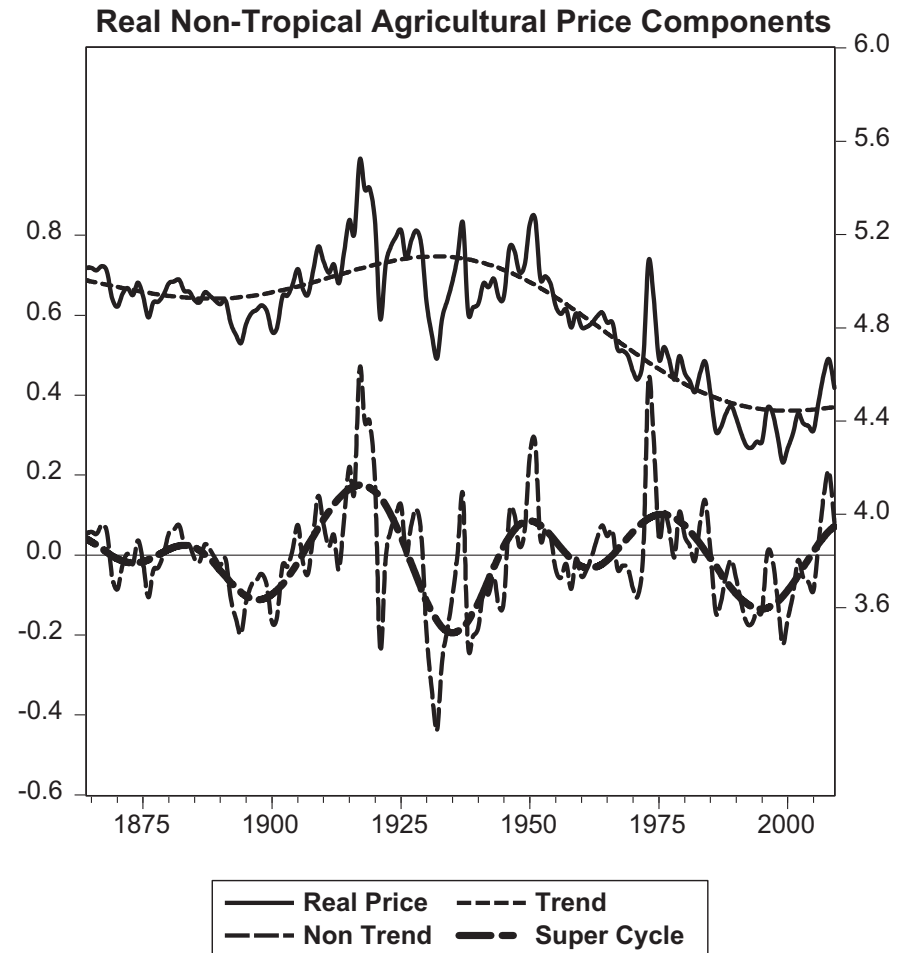
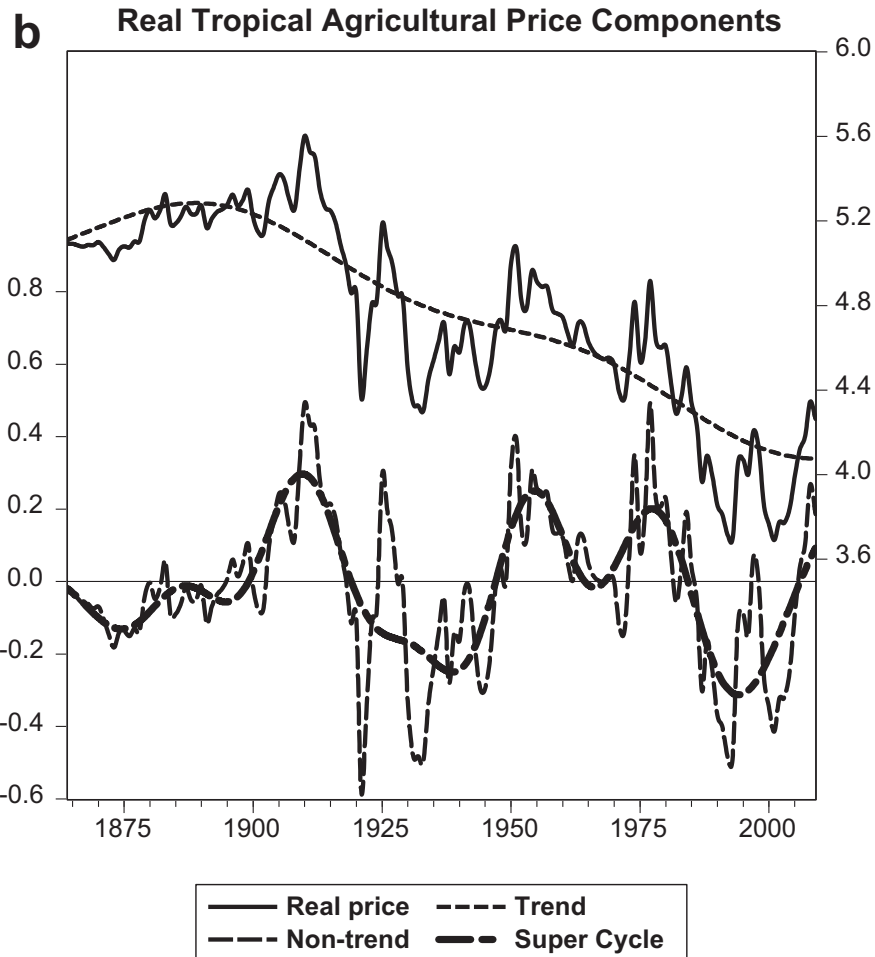
Figure 1. This figure indicates the decomposition of the log of the real non-oil total commodity price index into its various components, as explained in the text, using the asymmetric *Christiano and Fitzgerald (2003)* band-pass filter.

(Erten/
Ocampo,
2013: 17)

MOTIVAÇÃO

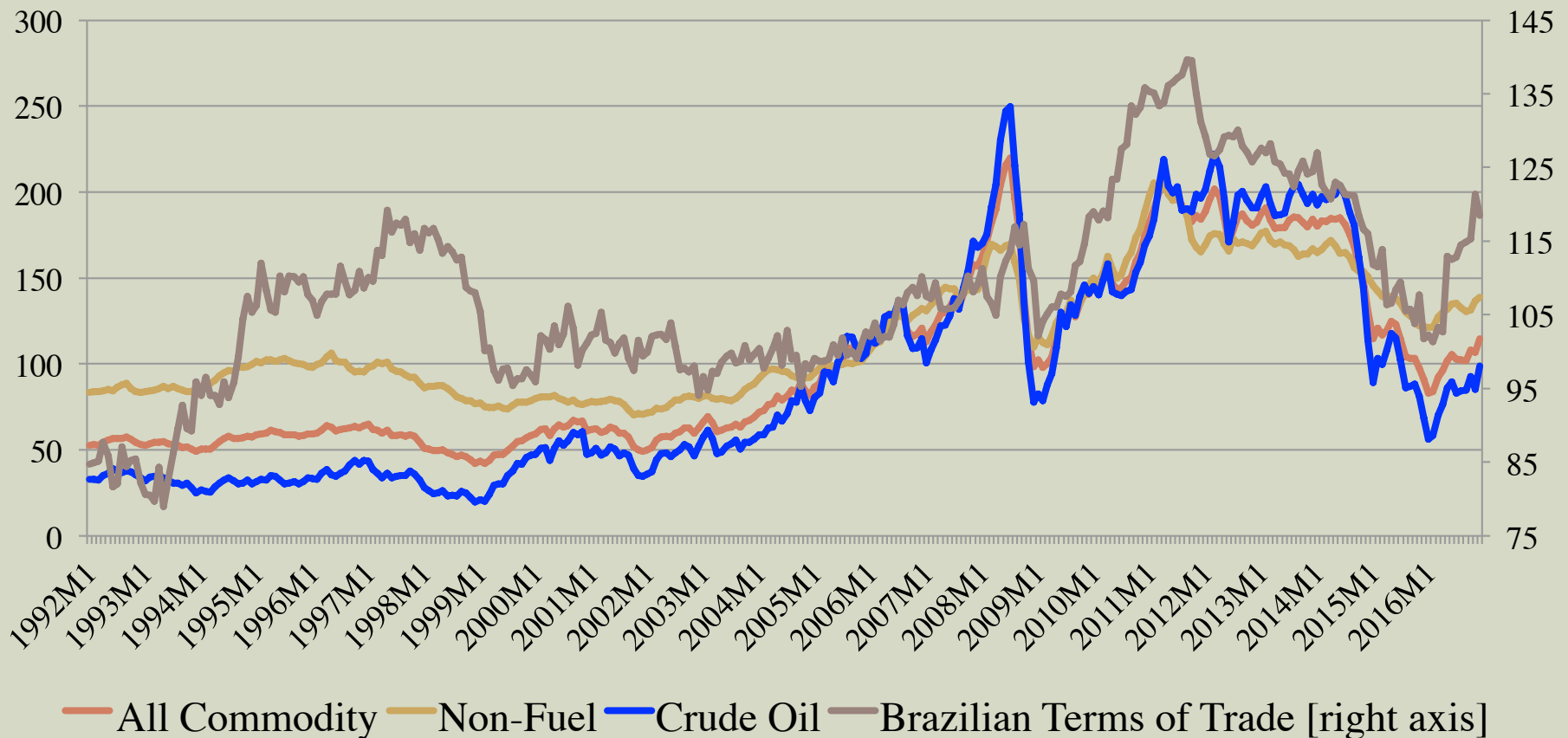


MOTIVAÇÃO



MOTIVAÇÃO

Figure 1: Primary Commodity Prices and Brazilian Terms of Trade (1992-2016) [IMF and FUNCEX, monthly, index 2005=100]



PLANO

- 1. O contexto da tese Prebisch-Singer
- 2. Deterioração dos termos de troca
- 3. Outros aspectos da formulação do “manifesto” de Prebisch
- 4. A “lei” de Prebisch-Thirlwall
- 5. A tendência ao desequilíbrio externo segundo Furtado
- 6. Ceticismo cambial em perspectiva histórica

1. O CONTEXTO DA TESE PREBISCH-SINGER

■ Contexto (Toye/Toye, 2003)

- Rejeição do pressuposto do benefício mútuo e controvérsia
- A questão da autoria e a controvérsia em torno do manifesto de Prebisch

“O principal resultado de identificar o autor foi que o elegante e polêmico Prebisch rapidamente ganhou maior reconhecimento na Europa e na América do Norte como um ‘economista da ONU’ do que o mais discreto Singer, que tinha publicado usando seu nome apenas em periódicos acadêmicos.” (459)

■ A rejeição do monismo por Prebisch (1950: 2, 7, 58-59)

“Não é de estranhar, portanto, que prevaleça, frequentemente, nos estudos que se publicam acerca da economia dos países da América Latina, o critério ou a experiência especial dos grandes centros da economia mundial. Dificilmente poder-se-ia esperar de tais estudos soluções diretamente voltadas para nós.” (1949, 48)

1. O CONTEXTO DA TESE PREBISCH-SINGER

“São bem conhecidas as dificuldades que se opõem na América Latina a uma tarefa dessa natureza [adotar uma política anticíclica]. A principal delas talvez seja o número exíguo de economistas capazes de penetrar, com critério original, os fenômenos concretos latino-americanos. Por uma série de razões não se consegue suprir sua carência com a formação metódica de um número adequado de jovens de alta qualificação intelectual. Enviá-los às grandes universidades da Europa e dos Estados Unidos representa já um progresso considerável, mas não suficiente. E isto porque uma das falhas mais sérias de que padece a teoria econômica geral, contemplada da periferia, é seu falso sentido de universalidade.” (54)

“[D]ispomos de um conhecimento precário da estrutura econômica de nossos países, sua forma cíclica de crescer e suas possibilidades.” (94)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

QUADRO 1

RELAÇÃO ENTRE OS PREÇOS DOS PRODUTOS PRIMÁRIOS E OS DOS ARTIGOS FINAIS DA INDÚSTRIA (PREÇOS MÉDIOS DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO RESPECTIVAMENTE, DE ACÓRDO COM OS DADOS DO BOARD OF TRADE)

(Base — 1876-80 = 100)

<i>Período</i>	<i>Quantidade de artigos finais da indústria que se podem obter com uma quantidade determinada de produtos primários</i>
1876-80	100
1881-85	102,4
1886-90	96,3
1891-95	90,1
1896-1900	87,1
1901-05	84,6
1906-10	85,8
1911-13	85,8
— —	—
1921-25	67,3
1926-30	73,3
1931-35	62,0
1936-38	64,1
— —	—
1946-47	68,7

Fonte: Post War Price Relations in trade between underdeveloped and industrialized countries. United Nations, Economic and Social Council, Document E/CN.1/Sub.3/W.5, 23 February, 1949.

(Prebisch.
1949: 94)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

- Singer (1950a) e os termos de troca
 - Especialização em produtos primários e o problema dos enclaves
 - Indústria, externalidades e dinamismo
 - A questão dos termos de troca

“Na vida econômica de um país e em sua história econômica, um elemento importantíssimo é o mecanismo mediante o qual ‘uma coisa conduz a outra’: a maior contribuição da indústria não é o seu produto imediato (como forçosamente assumem economistas e estatísticos), nem mesmo seus efeitos sobre outras indústrias ou suas repercussões sociais imediatas (até este ponto chegaram os economistas graças aos ensinamentos de Marshall e Pigou). Talvez sejam seus efeitos mais remotos sobre o nível geral da educação, a qualidade da mão de obra, o método de vida, a inventividade, os hábitos do povo, a reserva de tecnologia, a criação de nova procura, etc. Talvez seja essa, precisamente, a razão por que todos os países subdesenvolvidos desejam universalmente possuir indústrias manufatureiras. É que elas fornecem uma base de crescimento para a melhoria do conhecimento técnico, a educação urbana, o dinamismo e a flexibilidade que acompanha a civilização urbana, e conduzem diretamente a economias externas do tipo Marshall.” (86)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

“[A] especialização dos países subdesenvolvidos na exportação de alimentos e matérias-primas para os países industrializados, em grande parte como resultado de investimentos feitos pelos últimos, tem sido prejudicial aos países subdesenvolvidos, por dois motivos:

- a) Porque removeu do país em que o investimento se efetivou, para o país que fez o investimento, a maior parte de seus efeitos secundários e cumulativos;*
- b) Porque lançou os países subdesenvolvidos em tipos de atividades que oferecem menos possibilidade de progresso técnico e acumulação de economias internas e externas, e retirou do curso de sua história econômica um fator central de radiação econômica dinâmica, fator êsse que revolucionou a sociedade, nos países industrializados.*

Há, ainda, de importância talvez maior, um terceiro fator que reduziu os benefícios que os países subdesenvolvidos podiam retirar do comércio exterior-mais-investimento, baseado na especialização de exportação de alimentos e matérias primas. Trata-se das relações de trocas.” (86-7)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

- A deterioração dos termos de troca segundo Singer (1950b: 477-480)
 - Diferença da trajetória da produtividade?
 - Aumento da produtividade, aumento de renda e redução de preço
 - Produtos industrializados, produtividade e aumento da renda
 - Produtos primários, produtividade e redução dos preços: baixas elasticidade-renda e preço dos produtos primários
 - Sistema de “imperialismo econômico” e “exploração”
- Política econômica e termos de troca (Singer, 1950b: 482, 484-485)
 - Termos de troca favoráveis e falta de incentivo para industrialização
 - Termos de troca adversos e falta de recursos para industrialização
 - Necessidade de absorção e reinvestimento dos lucros (frutos do progresso técnico)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

- As contribuições de Prebisch (1949, 1950)
 - Relação entre trajetória dos termos de troca e ciclo econômico (Toye/Toye, 2003: 459-462)
 - Enraizamento histórico: diferença entre Inglaterra e Estados Unidos como centros cíclicos principais
- Os termos de troca e os ciclos econômicos
 - Interpretação da relação entre produtividade, renda e preços similar a de Singer: renda cresceu mais rápido do que a produtividade, no centro, e mais devagar do que a produtividade, na periferia (1950, 10-12)
 - Indissociabilidade entre a trajetória dos termos de troca e os ciclos econômicos, uma vez que “o ciclo é a forma característica de crescer da economia capitalista” (1949, 58) [12]
 - Preços dos produtos primários crescem mais do que os dos produtos industrializados na fase ascendente, mas caem mais do que proporcionalmente na fase descendente (1950, 13)
 - Organização do mercado de trabalho e rigidez salarial? (13-14 [58-9], ver também Toye/Toye, 2003: 459-46)
 - “[A]ptidão desses centros, em razão do papel que desempenham no processo cíclico, para deslocar a pressão cíclica para a periferia” (1949, 59 [14]): elasticidades do comércio exterior?

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

“A maior capacidade das massas, nos centros cíclicos, para conseguir aumentos de salários na crescente e defender seu nível na minguante, e a aptidão desses centros, em razão do papel que desempenham no processo cíclico, para deslocar a pressão cíclica para a periferia, obrigando a comprimir suas remunerações mais intensamente que nos centros, explicam por quê as remunerações nestes tendem, persistentemente, a subir com mais força que nos países da periferia, segundo se torna patente na experiência da América Latina.” (1949, 59)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

- Os EUA como centro cíclico principal
 - Comparação entre EUA e Inglaterra
 - A escassez de dólares: liderança tecnológica e exportação de bens de capital dos EUA, inovação de produto e importação de bens de consumo, propaganda (1950, 17-18)
 - A queda do coeficiente de importação dos EUA como agravante (19-36)
- A atualidade da hipótese
 - Sai-wing Ho (2012)
 - Erten e Ocampo (2013)
 - Fisher (2015)
 - Baffes e Etienne (2016)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

TABLE 3

Gold reserves of the United States and the rest of the world
In millions of dollars at 35 dollars an ounce

Year	United States			Rest of world			World total (5)
	Gold unadjusted (1)	Net short-term balances of other countries held in the United States (2)	Gold adjusted (3) = (1) - (2)	Percentage of world total	(4) = (5) - (j)	Percentage "of world" total	
1923	7,190	1,102	6,088	41.5	8,558	58.5	14,646
1924	7,698	1,303	6,395	42.	8,001	58.	15,196
1925	7,493	1,124	6,369	41.8	8,862	58.2	15,231
1926	6,912	1,833	5,079	32.4	10,553	67.6	15,632
1927	6,733	2,823	3,910	24.	12,330	76.	16,240
1928	6,342	2,234	4,108	24.1	12,919	75.9	17,027
1929	6,603	2,337	4,376	25.	13,122	75.	17,498
1930	7,153	1,417	5,736	30.9	12,792	69.1	18,528
1931	6,858	338	6,520	34.	12,649	66.	19,169
1932	6,848	-325	7,173	35.5	13,029	64.5	20,202
1933	6,792	-856	7,648	37.7	12,627	62.3	20,275
1934	8,236	-522	8,758	40.	13,109	60.	21,867
1935	10,124	444	9,680	44.5	12,024	55.5	21,704
1936	11,258	819	10,439	45.8	12,277	54.2	22,716
1937	12,760	1,208	11,552	48.	12,493	52.	24,045
1938	14,592	1,579	13,013	50.9	12,531	49.1	25,544
1939	17,800	2,714	15,086	59.1	10,414	41.9	25,500
1940	22,043	3,578	18,465	63.1	10,535	36.9	29,000
1941	22,761	3,335	19,426	64.7	10,574	35.3	30,000
1942	22,738	3,891	18,757	54.3	15,743	45.6	34,500
1943	21,981	5,158	16,823	47.5	16,577	52.5	35,400
1944	20,631	5,316	15,315	42.1	20,985	57.9	36,300
1945	20,083	6,558	13,525	36.5	23,475	63.5	37,000
1946	20,706	5,453	15,253	40.6	22,247	59.4	37,500
1947	22,868	4,331	18,537	48.6	19,563	51.4	38,100
1948	24,004	4,672	19,332	50.	19,268	50.	38,600

Note. The amounts representing net short-term dollar assets belonging to the countries of the rest of the world have been deducted from the gold holdings of the United States, since they represent monetary assets belonging to these countries and not to the United States. In view of the magnitude of these assets at certain times, the effects of the adjustment are considerable. In 1947, for instance, the United States would have held 60 per cent of the world's gold, had not the exclusion of the above-mentioned dollar assets reduced that figure to 48.6 per cent.

Sources. The following procedure has been adopted in making this adjustment: (a) Data for the years 1931-1936, both inclusive, have been taken from *Banking and Monetary Statistics*, Board of Governors of the Federal Reserve System, Washington, 1943, pages 574-589, and after 1937 from the International Financial Statistics of the International Monetary Fund, Washington, January 1949, page 130. (b) The figures for the years before 1931 have been calculated by taking the net balances of the short-term capital movement according to the data for the United States balance of payments published in *The United States in the World Economy*, United States, Department of Commerce, Bureau of Foreign and Domestic Commerce, Economic Series no. 23, appendix B. In charts 1 and 2, the part of the curves before 1923 has not been adjusted owing to lack of data.

The world total has been obtained from the *Federal Reserve Bulletin* for the years before 1940, and from the *Annual Reports* of the Bank for International Settlements, Basle, for later years.

Data for 1948 are preliminary. All calculations have been made at a rate of \$35 per fine ounce.

(Prebisch.
1950: 20)

2. DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

TABLE 5
Import coefficient of the United States
Relation of imports to income
 In millions of dollars

<i>Year</i>	<i>Imports</i>	<i>National income</i>	<i>Percentage coefficient of imports</i>
1919.	3,904	65,900	5.9
1920.	5,278	76,400	6.9
1921.	2,509	60,300	4.1
1922.	3,112	61,500	5.0
1923.	3,792	72,900	5.2
1924.	3,609	73,300	4.4
1925.	4,226	77,800	5.4
1926.	4,430	82,800	5.3
1927.	4,184	81,300	5.1
1928.	4,091	83,300	4.9
1929.	4,399	87,300	5.0
1930.	3,060	75,000	4.0
1931.	2,090	58,800	3.5
1932.	1,322	41,600	3.2
1933.	1,449	39,500	3.7
1934.	1,655	48,600	3.4
1935.	2,047	56,700	3.6
1936.	2,422	66,900	3.6
1937.	3,083	73,600	4.2
1938.	1,960	67,300	2.9
1939.	2,318	72,500	3.2
1940.	2,625	81,300	3.2
1941.	3,345	103,800	3.2
1942.	2,744	136,400	2.0
1943.	3,381	168,200	2.0
1944.	3,919	182,200	2.2
1945.	4,147	182,800	2.3
1946.	4,908	178,200	2.8
1947.	5,732	202,500	2.8
1948.	6,924	224,000	3.0

Sources: Data on income have been taken from *National Income and its Composition*, by S. Kusnetz, New York, 1941, for the period 1919-1928; from the *Statistical Abstract of the United States, 1948*, Department of Commerce, Washington, D. C., for the period 1929-1947 and from *Economic Indicators*, February 1949 (U. S. Government Printing Office, Washington, D. C.) for the year 1948. Data on imports have been taken from the *Statistical Abstract of the United States* and from *Economic Indicators*.

(Prebisch.
 1950: 24)

3. OUTROS ASPECTOS DA FORMULAÇÃO DO “MANIFESTO” DE PREBISCH

- Prebisch (1950) e os demais pioneiros
 - Círculo vicioso de Nurkse? (37)
 - Lewis ausente? Ambiguidades sobre a oferta de trabalho (5, 18, 44)
 - Os riscos da inflação e a política tributária como forma alternativa de captação de poupança (40)
 - Nurkse, Furtado e Prebisch: o problema da “assimilação do padrão de vida dos países do centro” e seus impactos sobre o consumo (6, 17, 29-31, 37-38, 54) [Mas controle cambial como alternativa, Prebisch contra Nurske?]
 - A prioridade da indústria de bens de capital: Hirschman contra Prebisch? (58)

3. OUTROS ASPECTOS DA FORMULAÇÃO DO “MANIFESTO” DE PREBISCH

- Ainda outros aspectos (Prebisch, 1950)
 - A não-linearidade das políticas expansionistas (4-5, 26, 38, 41)
 - Industrialização e agricultura (2, 6, 45)
 - Estoques reguladores de produtos primários e outras possibilidades para uma política anticíclica (57, 49-59)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- As fases do desenvolvimento da teoria estruturalista do balanço de pagamentos (Boianovsky e Solís, 2014):
 - 1944-1950: difusão internacional dos ciclos econômicos, centro e periferia, médio prazo
 - 1951-1958: abordagem dos dois hiatos e estimativas empíricas das elasticidades do comércio internacional
 - 1959-1964: a “lei” de Prebisch-Thirlwall e a crítica de Furtado a interpretação monetarista do desequilíbrio externo
- Aspectos do desenvolvimento teórico (Boianovsky e Solís, 2014)
 - Semelhanças e diferenças entre Prebisch, Furtado e Noyola
 - Críticas e convergências com a formulação do FMI
 - O problema da transformação da poupança em investimento real (Boianovsky e Solís, 2014: 26)
 - A questão da desvalorização cambial

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- **Diagnóstico:** *“É um fato bem estabelecido que a elasticidade-renda da demanda para importações de produtos primários da América Latina pelos centros é geralmente menor do que a elasticidade-renda da demanda por importações, da América Latina, de produtos industriais desses centros. Essa diferença é frequentemente agravada por medidas protecionistas para produtos primários dos centros, enquanto (...) é atenuada por protecionismo nos países periféricos (...).”* (Prebisch, 1959: 252)
- **Substituição de importações como solução:** *“A substituição de importações (definida aqui como um aumento na proporção de bens que é suprida por fontes domésticas e não necessariamente como uma redução na razão entre as importações e a renda total) é a única maneira de corrigir os efeitos sobre o crescimento periférico das disparidades das elasticidades do comércio exterior.”* (Prebisch, 1959: 253)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- O exemplo numérico de Prebisch (1959: 253-4)
 - Um centro e uma periferia com a mesma taxa de crescimento populacional
 - Taxa de crescimento do centro é igual a 3%
 - Elasticidade renda da demanda do centro por de bens primários é 0,8
 - Elasticidade renda da demanda da periferia por bens industrializados é 1,3
 - Resultado: “processo de desenvolvimento equilibrado” requer que a periferia não cresça mais do que 1,84% [$3 \times 0,8 = 2,4 = 1,84 \times 1,3$] (caso do Japão e da Inglaterra, mencionado por Thirlwall, 1991)
- Implicações (Prebisch, 1959: 254)
 - Uma taxa de crescimento maior requer substituição de importações, exportações industriais ou uma combinação dos dois
 - Disparidade do crescimento populacional e industrialização

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

De Prebisch a Thirlwall e Krugman

- Fatos em busca de uma explicação
 - Taxa de crescimento dos países é muito próxima da razão entre a taxa de crescimento das exportações e a elasticidade-renda da demanda por importações (Thirlwall, 1979)
 - As elasticidades-renda aparentes da demanda pelas importações e exportações de um país estão sistematicamente relacionadas com sua taxa de crescimento de longo prazo (Krugman, 1989) [A implicação dessa regularidade empírica é que ela evita mudanças substanciais nas taxas de câmbio reais no longo prazo.]
- Natureza da evidência empírica
 - Thirlwall (1979: 52): alta correlação
 - Krugman (1989: 1046): regularidade empírica importante, ainda que imprecisa

4. A "LEI" DE PREBISCH-THIRLWALL

TABLE 1

CALCULATIONS OF THE GROWTH RATE CONSISTENT WITH BALANCE OF PAYMENTS EQUILIBRIUM 1953-1976

Country	% Change of Real GNP (y)	% Change in Export Volume (x)	Income Elasticity of Demand for Imports (π)	Balance of Payments Equilibrium Growth Rate From Applying Equation (9)
U.S.A.	3.23	5.88	1.51	3.89
Canada	4.81	6.02	1.20	5.02
West Germany	4.96	9.99	1.89	5.29
Netherlands	4.99	9.38	1.82	5.15
Sweden	3.67	7.16	1.76	4.07
France	4.95	8.78	1.62	5.42
Denmark	3.58	6.77	1.31	5.17
Australia	4.95	6.98	0.90	7.76
Italy	4.96	12.09	2.25	5.37
Switzerland	3.56	7.20	1.90	3.79
Norway	4.18	7.70	1.40	5.50
Belgium	4.07	9.24	1.94	4.76
Japan	8.55	16.18	1.23	13.15
Austria	5.17	11.12	n.a.	—
United Kingdom	2.71	4.46	1.51	2.95
South Africa	4.97	6.57	0.85	7.73
Spain	5.94	11.10	n.a.	—
Finland	4.55	6.63	n.a.	—

Source of Data: KERN [6], and HOUTHAKKER and MAGEE [5].

**Thirlwall
(1979: 51)**

4. A "LEI" DE PREBISCH-THIRLWALL

TABLE 2

CALCULATIONS OF THE GROWTH RATE CONSISTENT WITH BALANCE
OF PAYMENTS EQUILIBRIUM 1951-1973
USING DATA GIVEN BY CORNWALL [2]

Country	% Change in G.D.P.	% Change in Exports (%)	Income Elasticity of Demand for Imports (π)	Balance of Payments Equilibrium Growth Rate From Applying Equation (9)
Austria	5.1 ^a	10.7	n.a.	—
Belgium	4.4 ^a	9.4	1.94	4.84
Canada	4.6	6.9	1.20	5.75
Denmark	4.2 ^b	6.1	1.31	4.65
France	5.0	8.1	1.62	5.00
Germany	5.7	10.8	1.89	5.71
Italy	5.1	11.7	2.25	5.20
Japan	9.5	15.4	1.23	12.52
Netherlands	5.0	10.1	1.82	5.55
Norway	4.2	7.2	1.40	5.14
United Kingdom	2.7	4.1	1.51	2.71
U.S.A.	3.7	5.1	1.51	3.38

^a 1955-73. / ^b 1954-73.

Source: CORNWALL [2], p. 162.

**Thirlwall
(1979: 51)**

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

Table 1

Income elasticities and growth rates in the 1950s and 60s.

Country	Income elasticity			Growth rate 1955–65
	Imports	Exports	Ratio	
UK	1.66	0.86	0.52	2.82
US	1.51	0.99	0.66	3.46
BEL	1.94	1.83	0.94	3.77
SWE	1.42	1.76	1.24	4.18
NOR	1.40	1.59	1.36	4.41
SWITZ	1.81	1.47	0.81	4.66
CAN	1.20	1.41	1.18	4.66
NETH	1.89	1.88	0.99	4.67
DEN	1.31	1.69	1.29	4.74
IT	2.19	2.95	1.35	5.40
FRA	1.66	1.53	0.92	5.62
GER	1.80	2.08	1.56	6.21
JAP	1.23	3.55	2.89	9.40

Source: Income elasticities from Houthakker and Magee (1969), growth rates from *International Financial Statistics*.

Krugman
(1989: 1035)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

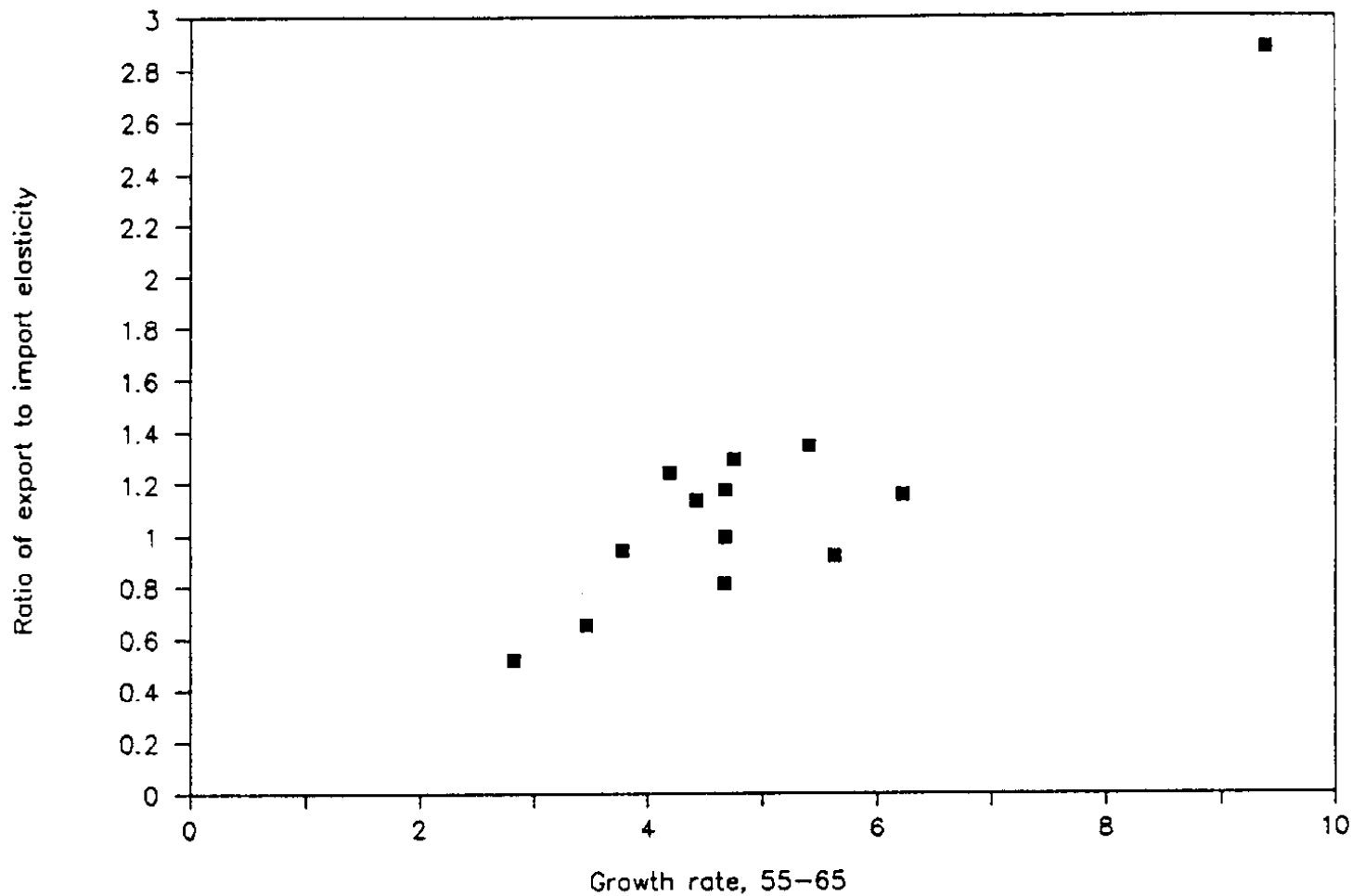


Fig. 1. Growth vs. elasticity ratio.

Krugman
(1989: 1036)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

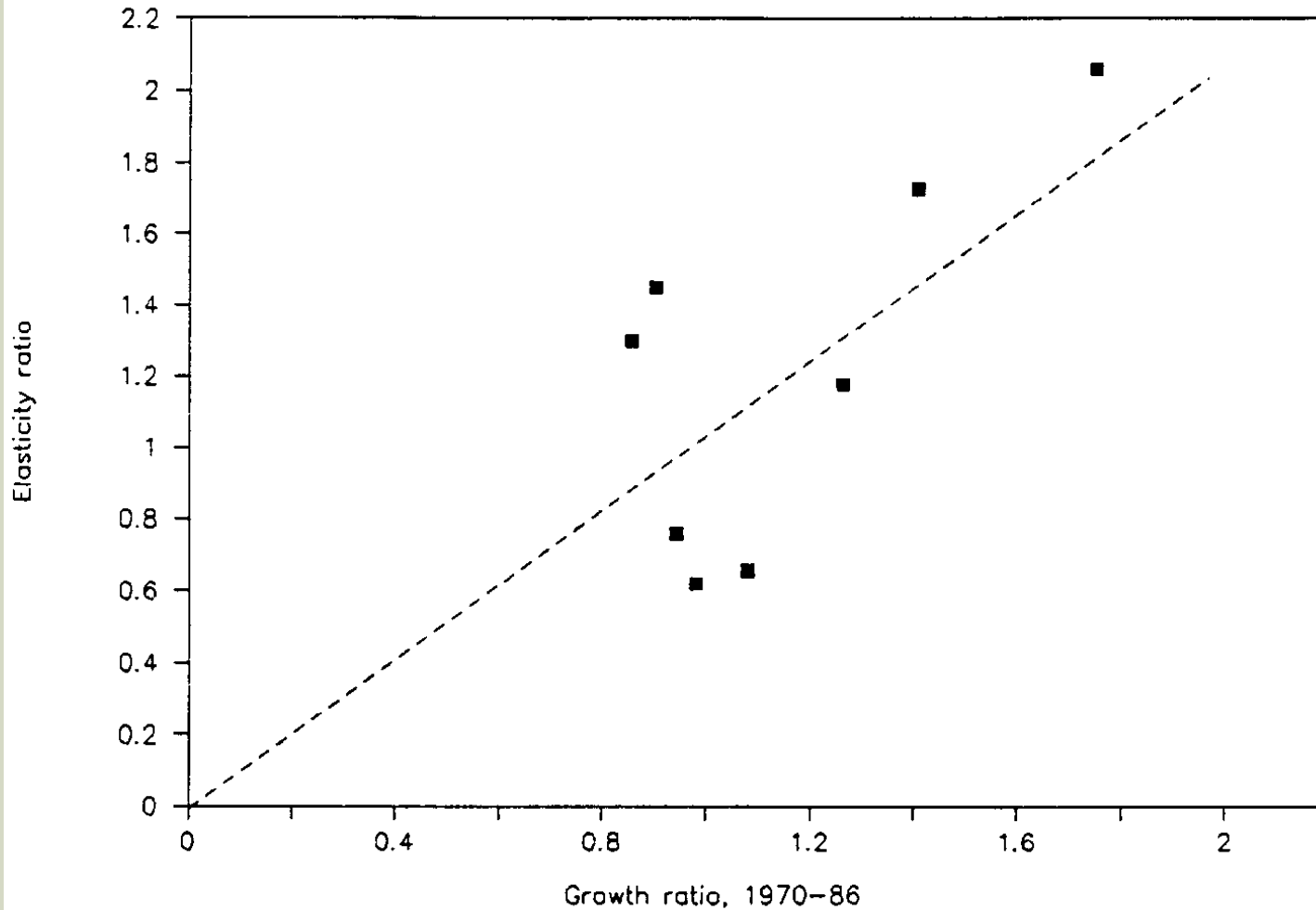


Fig. 2. Growth ratio vs. elasticity ratio.

Krugman
(1989: 1036)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- A abordagem de Thirlwall (1979)
 - Oferta, demanda e restrições de balanço de pagamentos
 - Determinação de um teto para a taxa de crescimento, não de um nível específico
 - Algumas simplificações: elasticidade-preço da demanda por importações e exportações é única (*own price* e *cross elasticities*)
 - Equilíbrio nas transações correntes (incorporação de fluxos de capital em uma formulação posterior)
 - Hipótese decisiva: taxa de câmbio real estável no longo prazo

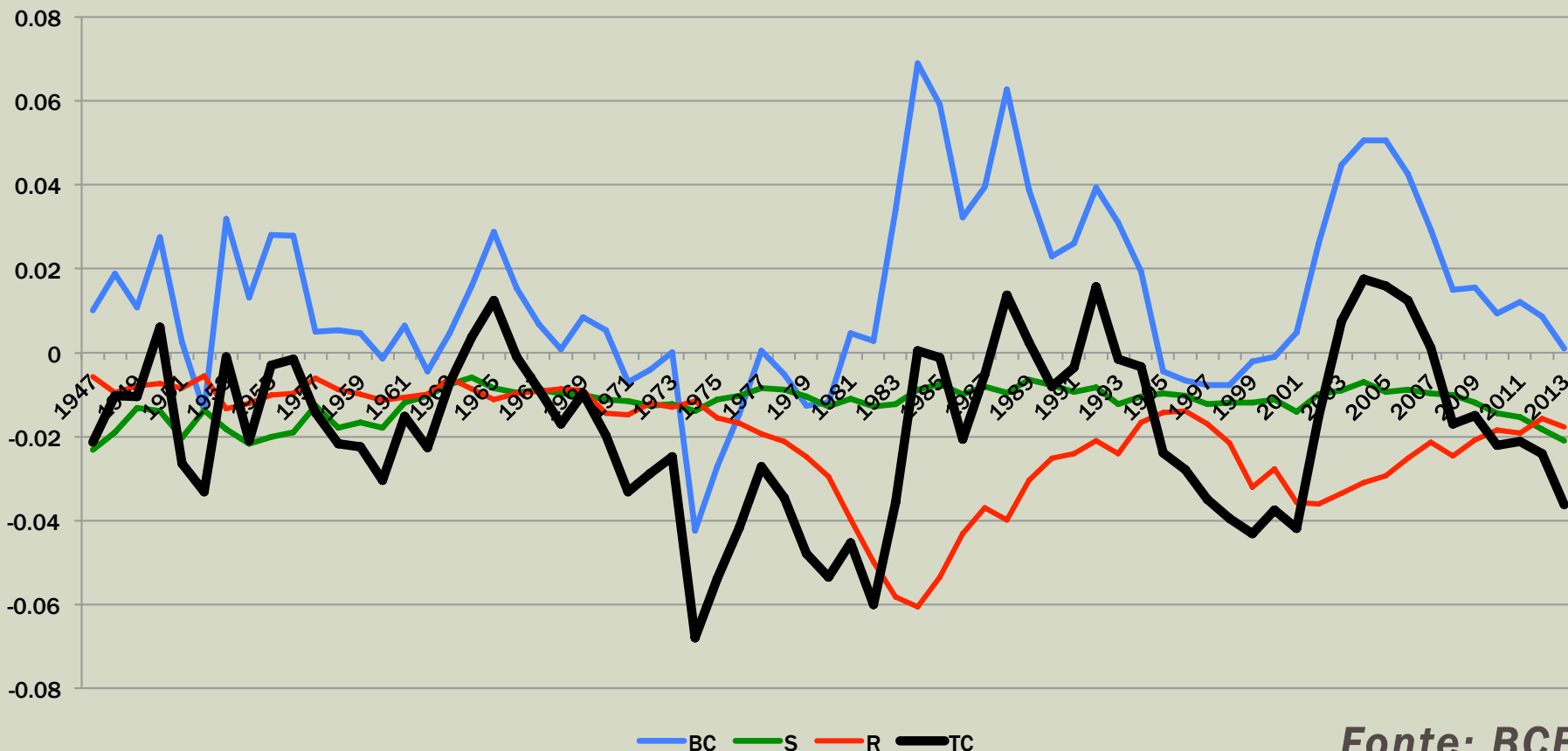
4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

“A questão mais profunda reside na razão pela qual as taxas de crescimento compatíveis com equilíbrio no balanço de pagamentos diferem entre países. Isso deve estar principalmente associado às características dos bens produzidos, que determinam a elasticidade-renda da demanda pelas exportações do país e a propensão do país a importar. Para países com uma taxa de crescimento lenta das exportações, combinada com uma elasticidade-renda da demanda por importações relativamente alta, a mensagem é clara: os bens produzidos pelo país são relativamente pouco atraentes tanto no mercado doméstico quanto no mercado internacional.” (Thirlwall, 1979: 52-53)

- Duas conclusões:
 - A centralidade da estrutura produtiva
 - O âmbito de validade da teoria

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

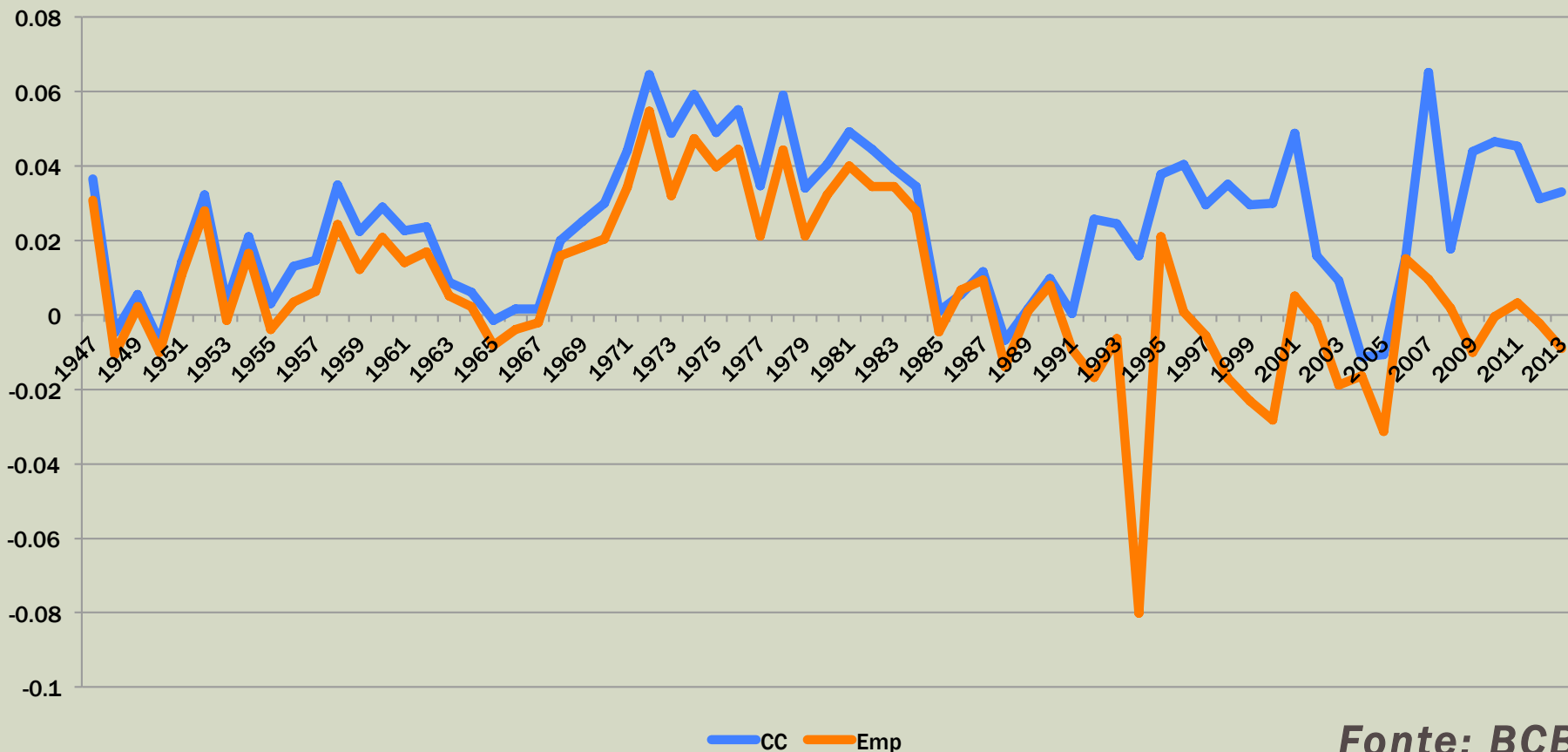
**Transações Correntes do Balanço de Pagamentos do Brasil
(1947-2013) [em % do PIB]**



Fonte: BCB

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

**Conta Capital e Financeira do Balanço de Pagamentos do Brasil
(1947-2013) [em % do PIB]**



Fonte: BCB

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- O caso dos países “em desenvolvimento” (Thirlwall/Hussain, 1982: 500-501):

“A experiência de crescimento dos países em desenvolvimento nos últimos trinta anos tem sido ainda mais diversa do que a dos países desenvolvidos e dificilmente pode ser explicada pela diferença nas taxas de crescimento autônomo da oferta de fatores. A acumulação de capital, a oferta de trabalho e o progresso técnico são parcialmente, se não principalmente, endógenos a um sistema econômico e respondem a variações na pressão da demanda. Nesse artigo, nós tentamos verificar quão bem o modelo do multiplicador do comércio de Harrod (que é uma modelo com restrição de balanço de pagamentos e orientado pela demanda) adequa-se à experiência de crescimento de uma amostra de países em desenvolvimento, em que divisas são em geral um gargalo mais agudo do que em países desenvolvidos. Deve-se reconhecer, no entanto, que países em desenvolvimento conseguem muitas vezes acumular déficits de transações correntes crescentes, financiados por fluxos de capitais (que são depois cancelados) que permitem a esses países crescer permanentemente mais rápido do que seria possível em outro caso. Se assim é, o crescimento torna-se restringido em última instância pela taxa de crescimento dos fluxos de capitais e, em si mesma, a regra simples de crescimento enunciada não daria uma boa previsão da performance de crescimento no longo prazo. O modelo necessita, então, de algumas emendas para incorporar fluxos de capitais. O que os países ganham com fluxos de capitais, no entanto, eles podem perder pelos efeitos adversos dos movimentos dos preços relativos; na verdade, aqueles podem ser em parte uma reação a esses. Qual tem sido o saldo final é uma questão empírica interessante.”

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

TABLE 2
The “Explanation” of Divergencies Between the Actual Growth Rate and the Dynamic Harrod Trade Multiplier Result

Country	Actual Growth Rate (y)	Harrod Trade Multiplier Result $y_B = (x/\pi)$	Difference	Contribution to Difference of:	
				Real Capital Inflows Growing faster (+) or Slower (-) than Exports	Effect of Relative Price Movements
A. Countries with Actual Growth Greater than Harrod Trade Multiplier Result (% per annum)					
Brazil	9.5	4.0	+5.5	+5.4	+0.1
Tunisia	6.4	5.0	+1.4	+1.0	+0.4
Pakistan	6.9	6.0	+0.9	+2.9	-2.0
Thailand	6.8	6.6	+0.2	+0.7	-0.5
Sri Lanka	6.1	5.9	+0.2	+0.8	-0.6
Costa Rica	4.0	3.9	+0.1	+1.4	-1.3
Average Deviations			+1.38	+2.03	-0.65
B. Countries with Actual Growth Less than Harrod Trade Multiplier Result					
Ecuador	4.8	12.0	-7.2	-1.0	-6.2
Mexico	6.0	11.0	-5.0	-1.0	-4.0
Honduras	4.2	7.9	-3.7	+0.3	-4.0
Colombia	5.0	8.6	-3.6	-2.6	-1.0
Morocco	3.3	6.9	-3.6	-0.7	-2.9
Jamaica	4.0	7.4	-3.4	-1.6	-1.8
Sudan	5.4	8.3	-2.9	+0.2	-3.1
Phillipines	5.3	6.8	-1.5	-0.5	-1.0
Zaire	6.0	6.9	-0.9	-1.5	+0.6
Portugal	5.1	5.7	-0.6	-0.7	+0.1
Kenya	8.1	8.6	-0.5	-2.6	+2.1
India	2.4	2.8	-0.4	+0.9	-1.3
Turkey	5.8	6.1	-0.3	-0.2	-0.1
Cyprus	3.4	3.5	-0.1	-0.2	+0.1
Average Deviations			-2.41	-0.80	-1.61

**Thirlwall/
Hussain
(1982: 507)**

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- A abordagem de Krugman (1989)
 - Oferta *versus* demanda
 - Disparidade das taxas de crescimento e pressão sobre a taxa de câmbio
 - Especialização, vantagens comparativas e retornos crescentes
 - Disparidade das taxas de crescimento e efeitos sobre os fluxos comerciais
 - Razão das elasticidades como resultado das taxas de crescimento

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

“A história é a seguinte. Os países que crescem rápido expandem o seu percentual dos mercados mundiais, não pela redução do preço relativo de seus bens, mas pela expansão do número de bens que produzem à medida que suas economias crescem. O que medimos como exportações e importações não são conjuntos fixos de bens, mas na verdade agregados cujas definições mudam ao longo do tempo quando mais bens são incorporados à lista. O que chamamos de ‘exportações japonesas’ é um agregado que se defronta, a cada momento, com uma curva de demanda negativamente inclinada; mas a medida que a economia japonesa cresce, a definição desse agregado altera-se de tal modo que a curva de demanda aparente desloca-se para fora. O resultado é a geração de elasticidades-renda aparentemente favoráveis que permitem ao país expandir sua economia sem requerer uma depreciação real secular.” (Krugman, 1989: 1039)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- Oferta versus demanda ou Krugman (1989) versus Thirlwall (1991):

“[E]lasticidades-renda poderiam determinar o crescimento: países que por acaso se defrontam com elasticidades-renda desfavoráveis poderiam enfrentar problemas de balanço de pagamentos toda vez que tentem expandir. Se isso os leva a adoção de políticas econômicas stop-go que inibem o crescimento, o resultado poderia ser limitar o crescimento a um nível consistente com pouca variação real da taxa cambial ao longo do tempo. (...) Eu vou simplesmente desconsiderar a priori o argumento segundo o qual elasticidades-renda determinam o crescimento econômico, em vez de ser o contrário. Parece ser fundamentalmente implausível que por décadas problemas de balanço do pagamentos poderiam estar impedindo o crescimento de longo prazo, especialmente para economias relativamente fechadas como os Estados Unidos nos anos 1950 e 1960. Adicionalmente, todos nós sabemos que diferenças entre as taxas de crescimento dos países são principalmente determinadas pela taxa de crescimento da produtividade total dos fatores, não pelas diferenças na taxa de crescimento do emprego; é difícil identificar que canal ligaria o balanço de pagamentos resultante de elasticidades-renda desfavoráveis ao crescimento da produtividade total dos fatores.” (Krugman, 1989: 1036-7)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

“Em última análise, é uma questão sobre até que ponto elasticidades-renda podem ser consideradas exogenamente determinadas e até que ponto elas são endogenamente determinadas pelo próprio processo de crescimento. A esse respeito, não se deve esquecer que, em muitos casos, as elasticidades-renda dos países são determinadas em grande medida pela dotação de recursos naturais e pelas características dos bens produzidos (por exemplo, se são ‘necessidades’ ou ‘bens de luxo’). (...) Um exemplo óbvio é o contraste entre a produção de produtos primários e a produção industrial, em que produtos primários tendem a ter uma elasticidade-renda da demanda menor do que a unidade (lei de Engel), enquanto a maioria dos produtos industriais tem uma elasticidade-renda maior do que a unidade. Se os termos de troca reais entre produtos primários e bens industriais não se alterarem, o país que produz e exporta produtos primários sofrerá restrição ao seu crescimento pelo balanço de pagamentos, relativamente ao país industrial. Esse é o resultado básico de modelos de crescimento e desenvolvimento sobre centro e periferia.” (Thirlwall, 1991: 26)

4. A “LEI” DE PREBISCH-THIRLWALL

- Prebisch além de Thirlwall:
 - Disparidade das elasticidades-renda das demandas setoriais domésticas, industrialização e absorção de mão de obra
 - Disparidade das elasticidades do comércio internacional, salários, produtividade e a tendência à deterioração dos termos de troca (ver comentário Thirlwall, 1983)
 - Política comercial e a reprodução do centro e da periferia
 - Inglaterra, Estados Unidos e a especificidade do centro principal
 - Ver Dávila-Fernandez e Amado (2015)
- Taxa de crescimento determinada pela restrição externa é um teto: *“o crescimento das exportações coloca um limite superior à taxa de desenvolvimento em um país periférico. Esse limite é definido pela intensidade em que a demanda por importações cresce com o crescimento da renda per capita.”* (Prebisch apud Boianovsky e Solís, 2014: 36)

5. A TENDÊNCIA AO DESEQUILÍBRIO EXTERNO SEGUNDO FURTADO

- A tendência à elevação do coeficiente de importações (Furtado, 1966/1975: 292-301)
 - Dois exemplos numéricos
 - Mudança estrutural em uma economia dual em que o setor adiantado tem um coeficiente de importação maior do que o setor atrasado
 - Coeficiente de importação tende a ser maior para bens de capital do que para bens de consumo em economias subdesenvolvidas, ao contrário do que ocorre em economias desenvolvidas
- O primeiro exemplo numérico (293-297)
 - Pressupostos: crescimento por transferência de mão-de-obra, não há transferência de renda e de divisas entre os setores (exportações são iguais as importações em cada um deles), coeficientes de importação iguais a 0,1 (setor atrasado) e a 0,4 (setor adiantado)
 - Resultado: importações crescem mais rapidamente do que o produto
 - Mas pressupor que não há transferência de divisas entre os setores não é muito irrealista?

5. A TENDÊNCIA AO DESEQUILÍBRIO EXTERNO SEGUNDO FURTADO

“Nas fases preliminares do subdesenvolvimento – prevalência de impulso externo e existência de baixo multiplicador da renda – essa tendência à elevação do coeficiente de importações não cria maiores dificuldades. É nas etapas intermediárias e superiores da transformação de uma estrutura subdesenvolvida que o problema se apresenta em toda a sua plenitude, pois ao ampliar-se o impulso externo, ou ao surgir um impulso interno autônomo, faz-se sentir quase sempre uma pressão sobre o balanço de pagamentos.” (295)

■ O segundo exemplo numérico (297-301)

- Caráter cumulativo do desenvolvimento em “uma economia subdesenvolvida que já tivesse alcançado certo grau de diversificação estrutural” (297)
- Aumento da taxa de investimento e crescimento das importações maior do que o do produto (em estruturas subdesenvolvidas)
- Aumento da taxa de investimento e crescimento paralelo do produto e das inversões (em estruturas desenvolvidas)

5. A TENDÊNCIA AO DESEQUILÍBRIO EXTERNO SEGUNDO FURTADO

Modelo de dois hiatos?

“Constitui característica geral das economias subdesenvolvidas um grau elevado de dependência do processo de formação de capital, com respeito ao intercâmbio externo. Não somente de dependência no que concerne à formação de poupança, mas sobretudo no que respeita à transformação dessa poupança em inversão real.” (298)

Implicações do exemplo

“Dos exemplos apresentados podemos inferir que, para determinada taxa de incremento do comércio mundial, o ritmo de crescimento compatível com a estabilidade interna é muito mais elevado nas estruturas desenvolvidas do que nas subdesenvolvidas. Este fato explica, por um lado, o crescimento mais lento das economias subdesenvolvidas, nos últimos decênios; por outro, a notória tendência ao desequilíbrio do balanço de pagamentos, observada em todos os países subdesenvolvidos, que, de uma forma ou outra, tentam intensificar o seu crescimento.” (Furtado, 1961/1963: 210)

5. A TENDÊNCIA AO DESEQUILÍBRIO EXTERNO SEGUNDO FURTADO

- A doutrina do FMI (302-307)
 - Desequilíbrio externo como “manifestação típica de um processo inflacionário” (305), salvo casos excepcionais (como a perda do monopólio da oferta dos nitratos pelo Chile)
 - Queda das exportações levaria, via multiplicador, a uma redução da renda e, assim, das importações: se as importações não caem proporcionalmente às exportações, isso se deve a uma expansão inflacionária autônoma
 - Aumento das importações maior do que as exportações também resulta de expansão inflacionária
 - Soluções aos desequilíbrios: deflação ou desvalorização
- A crítica de Furtado (307-311)
 - Elasticidades, pleno emprego e ajuste via redistribuição de renda e transformação da estrutura produtiva
 - Desvalorização no caso de uma economia cujo setor exportador é representado por empresas internacionais de exploração de minério (elasticidade-preço das exportações e das importações é praticamente zero, no curto prazo): redistribuição de renda em benefício do setor exportador e perda de renda real
 - *“O modelo de ajustamento com base nas elasticidades tem implícita uma estrutura econômica amplamente diversificada.”* (309)
 - Deflação e redução dos investimentos

5. A TENDÊNCIA AO DESEQUILÍBRIO EXTERNO SEGUNDO FURTADO

■ A solução estruturalista (311-315)

- Tendência ao sobre-investimento nos setores já estabelecidos e que têm, pois, menor risco
- Necessidade de estimular o investimento nos setores que substituam importações
- A “planificação eficaz do processo de formação de capital” (315)

“Suponhamos que essa economia tente elevar o seu coeficiente de inversão, sem recorrer a meios inflacionários, com medidas fiscais adequadas. O aumento das inversões provocará um incremento do produto e da renda, mas o incremento desta exigirá maiores importações. Sendo fixa a taxa de câmbio, tenderá a acumular-se um saldo negativo no balanço de pagamentos, encobrendo um aumento do consumo que superaria o aumento imputável à elevação da renda real, assim como um aumento das inversões superior ao que corresponderia ao aumento da poupança. Observam-se aqui dois fenômenos distintos: o primeiro é elevação real das inversões e do produto; o segundo é uma expansão das importações superior à que comporta a capacidade de importação, o que determina subsídios ao consumo e sobreinversão. Como o segundo fenômeno é de natureza inflacionária e se manifesta simultaneamente com o primeiro, nem sempre fica claro que a inflação não resulta do aumento das inversões, mas sim da inadequada orientação que estas tomam, isto é, da insuficiência da substituição de importações. Um diagnóstico errado pode ter consequências práticas.” (311-312)

6. CETICISMO CAMBIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ver Bresser-Pereira e Rugitsky (2017)

■ Razões originais para o ceticismo

- Baixa elasticidade-preço do comércio internacional (Prebisch, Furtado) [ver Boianovsky and Solís, 2014]
- Teorias do crescimento com restrição externa (Chenery and Bruno, 1962; Thirlwall, 1979)
- Uma explicação de economia política (Hirschman, 1968)

“Protection (or subsidies) seems a more direct and simple solution, as it limits the adjustment to those new branches of industries that should be developed within a given period of time. To obtain the same result, depreciation forces the adjustment of the whole price system.” (Prebisch, 1959: 257)

6. CETICISMO CAMBIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

- Efeitos contracionistas de uma desvalorização
 - Hirschman (1949): se a conta corrente está inicialmente desequilibrada
 - Díaz Alejandro (1963): efeitos redistributivos
 - Krugman/Taylor (1978): efeito fiscal como uma terceira razão

“[D]evaluation is a costly cure [to balance of payments problems], and a devaluation big enough to reduce the balance of payments deficit substantially in the short run may be unacceptable. In such a case, the government should beg and borrow to meet the short-term deficit and work toward eliminating its structural difficulties by expansion of traded goods production in the medium run. The question is how one goes about correcting structural problems. (...). This can be accomplished with a variety of tools: subsidies, tariffs, preferential credit, multiple exchange rates. It can also be accomplished, without the microeconomic distortions that these measures create, by devaluation, which increases profitability in traded goods production. Perhaps, then, one should think of devaluation as a measure designed to rectify balance of payments difficulties in the medium rather than the short run.” (Krugman and Taylor, 1978: 454-455)

6. CETICISMO CAMBIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

- Retomada das teorias do desenvolvimento econômico
 - Do declínio (Hirschman, 1981) à contrarrevolução neoclássica (Krugman, 1993)
 - Trajetórias do Leste Asiático como foco de controvérsia
 - A ênfase na política industrial (Johnson, 1982; Amsden, 1989; Wade, 1990)
 - Política industrial em perspectiva histórica (Chang, 2002; Reinert, 2007)

“In Korea, exchange rates were not grossly distorted, but they did succeed in stimulating exports only when they operated in conjunction with other policies. Exports have been heavily subsidized and coerced, so inside the range of reasonableness, the relative price of foreign exchange has been altogether irrelevant.” (Amsden, 1989: 144)

6. CETICISMO CAMBIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

- Transformações históricas e políticas de desenvolvimento
 - Dos regimes de câmbio fixo aos regimes de câmbio flutuante (Eichengreen, 1996)
 - A sofisticação da estrutura produtiva e a elasticidade-preço do comércio exterior
 - OMC e os limites da política industrial: o exemplo chinês (Rodrik, 2010)
- América Latina *versus* Leste Asiático
 - Divergência explicada pelas políticas adotadas
 - O papel da taxa de câmbio competitiva (Bresser-Pereira, 2008b)
 - Dotação de recursos distinta e câmbio como âncora nominal para os preços (Bresser-Pereira, 2008a, 2009, 2010)

REFERÊNCIAS

- AMSDEN, Alice (1989). *Asia's Next Giant: South Korea and late industrialization*. Oxford: Oxford University Press.
- BAFFES, John, ETIENNE, Xiaoli (2016). "Analysing food price trends in the context of Engel's Law and the Prebisch-Singer hypothesis", *Oxford Economic Papers*, Vol. 68 (3), pp. 688-713.
- BOINAVOSKY Mauro, SOLÍS, Ricardo (2014). "The origins and development of the Latin American structuralist approach to the balance of payments." *Review of Political Economy*, Vol. 26 (1), pp. 23-59.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos (2008a). "The Dutch disease and its neutralization: a Ricardian approach." *Revista de Economia Política*, Vol. 28 (1), pp. 47-71.
- (2008b). "Globalization, nation-state and catching up." *Revista de Economia Política*, Vol. 28 (4), pp. 557-577.
- (2009). "A tendência à sobreapreciação da taxa de câmbio." *Econômica*, Vol. 11 (1), pp. 7-30.
- (2010) *Globalization and Competition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos, RUGITSKY, Fernando (2017). "Industrial policy and exchange rate skepticism". *Cambridge Journal of Economics*, no prelo.
- CHANG, Ha Joon (2002). *Kicking Away the Ladder*. London: Anthem Press.
- CHENERY, Hollis, BRUNO, Michael (1962). "Development alternatives in an open economy: the case of Israel." *Economic Journal*, Vol. 72 (285), pp. 79-103.

REFERÊNCIAS

- DÁVILA-FERNANDÉZ, Marwil, AMADO, Adriana (2015). “Entre a lei de Thirlwall e a hipótese de Prebisch-Singer: uma avaliação dinâmica dos termos de troca em um modelo de crescimento com restrição no Balanço de Pagamentos”, *Economia e Sociedade*, Vol. 24 (1), pp. 87-119.
- DÍAZ-ALEJANDRO, Carlos F. (1963). “A note on the impact of devaluation and the redistributive effect.” *Journal of Political Economy*, Vol. 71 (6), pp. 577-580.
- EICHENGREEN, Barry (1996). *Globalizing Capital: a history of the international monetary system*. Princeton: Princeton University Press.
- ERTEN, Bilge, OCAMPO, José Antonio (2013). “Super cycles of commodity prices since the mid-nineteenth century”, *World Development*, Vol. 44, pp. 14-30.
- FISHER, Andrew (2015). “The end of peripheries? On the enduring relevance of structuralism for understanding contemporary global development”, *Development and Change*, Vol. 46 (4), pp. 700-732.
- FURTADO, Celso (1961/1963). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
(1966/1975). *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. 5a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- HARVEY, David, KELLARD, Neil, MADSEN, Jakob, WOHAR, Mark (2010). “The Prebisch-Singer hypothesis: four centuries of evidence”, *Review of Economics and Statistics*, Vol. 92 (2), pp. 367-377.

REFERÊNCIAS

HIRSCHMAN, Albert O. (1949). "Devaluation and the trade balance: a note." *Review of Economics and Statistics*, Vol. 31 (1), pp. 50-53.

(1968). "The political economy of import-substituting industrialization in Latin America." *Quarterly Journal of Economics*, Vol. 82 (1), pp. 1-32.

(1981). "The rise and decline of development economics." In: HIRSCHMAN, Albert O. *Essays in Trespassing: economics to politics and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-24.

HO, P. Sai-wing (2012). "Revisiting Prebisch and Singer: beyond the declining terms of trade thesis and on to technological capability development", *Cambridge Journal of Economics*, Vol. 36 (4), pp. 869-893.

JOHNSON, Chalmers (1982). *MITI and the Japanese Miracle: the growth of industrial policy, 1925-1975*. Stanford: Stanford University Press.

KRUGMAN, Paul (1989). "Differences in income elasticities and trends in real Exchange rates", *European Economic Review*, Vol. 33 (5), pp. 1031-1046.

(1993). "Toward a conter-counterrevolution in development theory." *Proceedings of the World Bank Annual Conference on Development Economics 1992*, pp. 15-38.

KRUGMAN, Paul, TAYLOR, Lance (1978). "Contractionary effects of devaluation." *Journal of International Economics*, Vol. 8 (3), pp. 445-456.

PREBISCH, Raúl (1949). "O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas", *Revista Brasileira de Economia*, Vol. 3 (3), pp. 47-111.

(1950). "The economic development of Latin America and its principal problems", *Economic Commission for Latin America*.

(1959). "Commercial policy in the underdeveloped countries". *American Economic Review*, Vol. 49 (2), pp. 251-273.

REFERÊNCIAS

REINERT, Erik S. (2007). *How Rich Countries got Rich...and Why Poor Countries Stay Poor*. New York: Carroll & Craf.

RODRIK, Dani (2010). "Making room for China in the world economy." *American Economic Review*, Vol. 100 (2), pp. 89-93.

SINGER, Hans (1950a). "Distribuição de benefícios entre os países importadores e os exportadores de capitais", *Revista Brasileira de Economia*, Vol. 4 (1), pp. 81-103.

(1950b). "The distribution of gains between investing and borrowing countries". *American Economic Review*, Vol. 40 (2), pp. 473-485.

THIRLWALL, Anthony (1979). "The balance of payments constraint as an explanation of international growth rate differences", *Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review*, Vol. 32 (128), pp. 45-53.

(1983). "Foreign trade elasticities in centre-periphery models of growth and development", *Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review*, Vol. 36 (146), pp. 249-261.

(1991). "Professor Krugman's 45-degree rule", *Journal of Post Keynesian Economics*, Vol. 14 (1), pp. 23-28.

THIRLWALL, Anthony, HUSSAIN, M. Nureldin (1982). "The balance of payments constraint, capital flows and growth rate differences between developing countries", *Oxford Economic Papers*, Vol. 34 (3), pp. 498-510.

WADE, Robert (1990). *Governing the Market: economic theory and the role of government in East Asian industrialization*. Princeton: Princeton University Press.